

O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam

(La Préface vue comme une pratique discursive où s'entrecroisent la vie et l'oeuvre de différents auteurs)

Ida Lucia Machado

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos –
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN/FALE/UFMG)

idaluz@hotmail.fr

Résumé: Dans cet article, nous cherchons à expliciter les raisons pour lesquelles nous avons inclus le syntagme, ainsi que quelques concepts issus de la théorie du *Récit de vie*, dans nos recherches analytique-discursives. Nous y proposons une réflexion sur une certaine forme de discours de témoignage: celle d'un théoricien qui a assisté et, a accompagné la naissance et la mise en œuvre d'une théorie linguistique-discursive et qui prend la parole pour la commenter dans une Préface. Cet acte communicatif se montre, d'une part, révélateur du parcours théorique de l'auteur de l'œuvre préfacée, et, d'autre part, laisse aussi entrevoir des marques qui renvoient à la vie académique de l'auteur de la Préface; celle-ci devient un lieu de rencontre de deux *moi(s)* qui dialoguent sur des points communs de leurs vies dans ce bref *espace de parole*.

Mots-clés: Analyse du Discours; préface; parcours académique; récit de vie.

Resumo: Neste artigo, buscamos explicitar as razões que nos levaram a mesclar tanto o sintagma quanto alguns conceitos da teoria de *Narrativa de vida* em nossas pesquisas analítico-discursivas. Propomos aqui uma reflexão sobre uma forma de discurso testemunhal: a do teórico que não só viu nascer, como acompanhou o crescimento e assistiu à criação de uma teoria linguístico-discursiva, e que toma a palavra para comentá-la em um prefácio. Tal ato comunicativo revela, por um lado, o percurso teórico do autor da obra prefaciada e, por outro, deixa entrever marcas que remetem à vida acadêmica daquele que assina o prefácio; este breve *espaço de fala* se torna assim, um lugar de encontro de dois *eus* que dialogam sobre alguns pontos em comum de suas vidas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; prefácio; percurso acadêmico; narrativa de vida.

O porquê da narrativa de vida em nossas pesquisas

Como já afirmamos em outros artigos (MACHADO, 2009, 2012), começamos a nos interessar pelas narrativas associando-as à análise do discurso ao ler o livro *Storytelling* (2007), em que o pesquisador francês de Christian Salmon abordou os encantos e perigos da arte de saber contar histórias. Segundo o teórico (2007, p. 11-13), o mundo atual depara-se com uma larga difusão da narrativa sendo usada de um modo um tanto quanto perverso, ou seja, como meio de expressão e estratégia de argumentação em discursos de cunho político.

Este tema começou a nos interessar desde que tomamos conhecimento dos trabalhos de Genette (1983) sobre a *narratologia*, trabalhos elaborados na esteira de pesquisas alemãs e anglo-saxônicas. A citação a seguir sintetiza o rigor da pesquisa *genettiana*:

Com a ajuda de uma tipologia rigorosa, Genette constitui uma poética narratológica, capaz de recobrir o conjunto de procedimentos narrativos utilizados. Segundo ele, todo texto deixa transparecer marcas da narração, cujo exame permitirá que se estabeleça de modo preciso a organização de um relato. A abordagem preconizada se situa naturalmente além do limiar da interpretação e revela uma base sólida [que pode ser] complementar em outras pesquisas em ciências humanas, na área de sociologia, história literária, etnologia e psicanálise (GUILLEMETTE; LEVÈSQUE, 2006, p. 1)¹

Pelo que foi transcrito, vê-se que Genette sempre se preocupou com uma teoria que fosse além de uma simples interpretação de texto, teoria que, de certo modo, desvendasse as manhas e artimanhas do texto narrativo. Mais do que isso, que procurasse *pistas* ou *marcas* deixadas pelo ato narrativo em si.

Avançando em nossos estudos sobre o assunto, vimos que a teoria analítico-discursiva de Charaudeau (1992, p. 631-835) dedica uma larga parte de estudos aos *modos de organização do discurso* e, entre eles, o *narrativo*. Charaudeau (1992) mostra como e por que a narrativa assume diferentes aspectos conforme as situações de enunciação e os sujeitos-narradores. Além disso, na esteira desse linguista, notamos também que a narrativa sabiamente empregada funciona como uma espécie de argumentação e carrega consigo doses de sedução que podem influenciar ou captar a benevolência dos ouvintes ou leitores.

A partir de 2009, quando começamos, efetivamente, nossas pesquisas sobre a narrativa de vida,² notamos que tal terminologia varia conforme a área acadêmica que a acolhe. Em História, fala-se tanto em *história de vida*, *história oral* como em *narrativa de vida*. Em Literatura, os termos biografia e autobiografia são de praxe, e as menções à obra de Philippe Lejeune (1975) uma constante. Além disso, notamos também que o sintagma *récit de vie*, como já mencionado em outros escritos (MACHADO, 2009, 2012) foi difundido na França, na década de 1990, sobretudo pelos escritos do sociólogo Daniel Bertaux (2005).

De modo bem amplo, podemos dizer que tal sintagma foi usado para nomear uma teoria socioantropológica na qual um determinado entrevistado conta para um pesquisador sua vida ou parte dela. Nessa perspectiva, tais relatos são examinados como fonte de dados suscetíveis de revelar ao pesquisador a adaptação (ou não) de imigrantes ao país que os recebe, a formação de novas identidades, o espaço de negociação de si com o outro etc.

O fato é que, ao tomar a palavra para falar de si, o indivíduo se autoconstrói. Como afirma Gerber (2009, p. 266), a avaliação que o pesquisador pode realizar uma vez que as entrevistas são coletadas e analisadas vai fatalmente mostrar que o relato de vida é um meio de se remediar tensões entre as identidades de base e as identidades que vão ser construídas, no caso de uma mudança de vida ou de país. Nesse sentido, acreditamos

1 Trecho original : “À l’aide d’une typologie rigoureuse, Genette établit une poétique narratologique, susceptible de recouvrir l’ensemble des procédés narratifs utilisés. Selon lui, tout texte laisse transparaître des traces de la narration, dont l’examen permettra d’établir de façon précise l’organisation du récit. L’approche préconisée se situe, évidemment, en deçà du seuil de l’interprétation et s’avère plutôt une assise solide, complémentaire des autres recherches en sciences humaines, telles que la sociologie, l’histoire littéraire, l’ethnologie et la psychanalyse”.

2 Projeto de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) intitulado *A narrativa de vida como estratégia discursiva* (2009-2013).

que a narrativa de vida ajuda *aquela-que-se-narra* a melhor se definir face ao *outro* pelo trabalho que empreende ao elaborar uma imagem de si que opere uma reunião de suas experiências passadas com seu percurso atual.

Não vamos aqui proceder a um inventário de toda a trajetória da *narrativa de vida*, gênero que começa na Antiguidade Clássica em biografias, cujo objetivo era o de enaltecer os grandes feitos e qualidades de seres nobres, políticos ou heróis. Para isso remetemos o leitor ao excelente artigo de Delphine Burrick (2010), em que a autora realiza uma epistemologia do processo de *se-contar* e dos termos que são a ele ligados.

Confessamos que, sem dúvida alguma, um dos livros que mais nos estimulou a prosseguir tal tipo de pesquisa foi o de Paraná, intitulado *Lula, o filho do Brasil* (2008), cuja primeira edição data de 2002. No livro, a autora dá a palavra a Lula, que, do fundo de suas memórias, recupera e narra seu passado difícil até chegar à Presidência do Brasil. Paraná entrevista também outros membros da família de Lula, que contam suas vidas, de forma simples, sem grandes arroubos. E após a reunião de tais narrativas, divulgadas em quatorze capítulos, Paraná escreve ainda mais quatro que sinalizam alguns caminhos de seu trabalho de pesquisadora. Esses capítulos se revelaram muito úteis para nós e para nossos alunos, analistas do discurso, que trabalham com a narrativa de vida. Entre outras coisas, Paraná (2008, p. 35-486) fala do papel da cultura de pobreza e da cultura de transformação e ressalta sempre o importante papel da *história oral*: foi por meio dela que foi dada a palavra a tantos seres humildes que nunca seriam objeto de estudos há alguns séculos atrás. A história resgata a voz dos humildes abafada pela voz dos dominantes.

Recapitulando: foram Genette, Charaudeau, Bertaux, Salmon e Paraná, cada um a seu modo, que, basicamente, nos deram a vontade de trabalhar com *histórias que puxam a memória* de um ser empírico e assim revivem um tempo já passado. Como nosso campo de trabalho é o discurso, optamos por utilizar o sintagma *narrativa de vida*³ em lugar de *autobiografia*, termo que é por vezes utilizado por alguns pesquisadores de nossa área como sinônimo. Nossa escolha indica que levamos em conta que a prática narrativa é, afinal de contas, “aquilo que envolve e vem costurar cada instante, cada situação, e mesmo cada distração” (FAYE, 2010, p. 5).⁴

Entretanto, temos ainda mais duas outras razões para explicar nossa preferência. A primeira é por acreditar que o sintagma *narrativa de vida* se enquadra bem na Análise do Discurso (AD) e, em particular, com uma teoria de AD que muito apreciamos, a semiolinguística, de Patrick Charaudeau. Como já dito (MACHADO, 2010) trata-se de uma teoria compósita que foi construída tendo por base conceitos da linguística discursiva, mas que também se abriu a outros, vindos de universos de saber tais como a sociologia, a antropologia, a etnologia, a psicologia social. Assim, *narrativa de vida* se encaixa mais às análises, ações e considerações de alguns analistas do discurso, já que o sintagma se refere a uma teoria que busca desvelar ou realizar pesquisas sobre o discurso, objeto multifacetado e estudado em tantas outras frentes de pesquisa tais como as supracitadas e também a literatura, a história, a psicanálise etc.

3 Em nossa opinião, tal sintagma pode ser substituído por alguns sinônimos, tais como: *relato de vida*, *história de vida*, *ato-de-se-contar* ou o *falar-de-si*...

4 Trecho original: “C’est cela qui enveloppe et vient couvrir chaque instant, chaque emplacement, chaque distraction même”.

A segunda razão dessa preferência só foi por nós descoberta após discussão informal sobre o assunto com o professor William Augusto Menezes, em agosto de 2013. Estávamos ambos justamente preocupados com a identificação do termo *autobiografia* à *narrativa de vida* e vice-versa. Segundo Menezes, cujas palavras buscamos aqui reproduzir, quando falamos em *autobiografia* (ou mesmo *biografia*), de modo geral, mostramos interesse por apenas alguns traços ou aspectos da história de um ser que fala de si e de sua época, o que é de suma importância, é claro; porém, para nós, analistas do discurso, em face do texto desse *ser-que-se-conta*, queremos ocupar-nos também com a narrativa em si, com suas múltiplas estratégias languageiras, conscientes ou inconscientes. Em outros termos, preocupa-nos a prática narrativa com tudo o que ela implica: o fato de contar algo enquanto representação do mundo, do outro, das interações desse sujeito com o mundo e a relação que ele mantém com sua narrativa. É esse ponto preciso que a AD busca ao se apropriar da *memória* enquanto tema de estudos.

Tendo exposto um dos muitos possíveis interpretativos do termo, no próximo segmento mostraremos nossa visão do gênero.

Uma prática discursiva ampla

Este subtítulo revela como vemos atualmente a *narrativa de vida*: como uma prática que pode surgir quando menos se espera, e não somente nos relatos a ela consagrados. Assim sendo, notamos que o gênero não se limita a um contrato estabelecido entre partes bem delineadas, ou seja, a um pesquisador que grava a história de vida de uma determinada pessoa que fala de seu passado, com o objetivo prévio de transcrever esta vida para analisar aspectos sociais ou antropológicos. Nesse sentido, não adotamos a noção de *pacto de leitura* promulgada, desde 1975, por Lejeune. Preferimos a ela a noção de *contrato* (CHARAUDEAU, 1983, p. 50), e contrato que pode ser cumprido, mas também rompido, corrompido, ou mais ainda: transgredido.

A narrativa de vida pode assim surgir de forma nuançada, sutil, sem a presença do pesquisador-entrevistador, em gêneros diversos. Ela pode também irromper em um discurso por uma palavra ou um tom revelador que abre as portas da memória ou do passado daquele que narra. Assim, postulamos que, além das entrevistas destinadas a um fim preciso, ela pode surgir por meio de um poema, da letra de uma canção ou em romances que se constroem à moda da *autoficção*, no sentido que Doubrovsky (2001a, 2001b, 2010) dá ao termo.

Nessa perspectiva, consideramos como exemplos *transgressivos* de narrativa de vida – pois contêm doses de ironia e, de modo sorridente ou triste, parodiam o gênero – poemas como *Auto-retrato*, de Manuel Bandeira (1973) ou *Confidência do itabirano*, de Carlos Drummond de Andrade (2013), além de diversas letras de canções, filmes e histórias em quadrinhos entre vários outros casos.

Vamos aqui destacar um deles. O ato de *falar-de-si* às vezes se imiscui ao *falar-de-seu-trabalho* ou, no caso de intelectuais, ao *falar teórico*. Tal tipo de discurso não contém o objetivo explícito de contar a trajetória de vida de seu enunciador: mas, mesmo assim este a deixa transparecer, por meio das emoções ou de certo tom que é dado, de repente, a esse tipo de discurso. Estamos aqui nos referindo especificamente ao prefácio.

Na verdade, o que é um prefácio? Uma explicação da obra? Um cartão de visitas? Uma caução que um sujeito-comunicante – geralmente prestigiado nos meios onde circulará o livro – concede ao autor? Um prefácio seria a ocasião daquele que prefacia de mostrar seu amplo conhecimento sobre o tema do livro prefaciado? Ou apenas mostrar modestamente sua admiração pelo autor do livro? Um prefácio pode adotar um tom ou um estilo condescendente? Irônico? Brincalhão? Ou ter uma forma pedante, ser sério demais e mesmo desconcertante?

A definição abaixo contempla, de modo geral, às perguntas acima formuladas:

[...] o prefácio responde também a uma expectativa, que está inscrita no contrato comunicacional que o define: ele representa uma caução de *verdade* [...], e para isso exige que alguém (de renome, na medida do possível) o assine; deve colocar o conteúdo da obra dentro de uma problemática mais ampla; permite ao seu autor estabelecer uma relação entre as ideias expostas na obra e suas próprias ideias; deve, enfim, colocar em evidência os pontos fortes do seu conteúdo. (CHARAUDEAU, 1988, p. 5)⁵

Tomando por base tal ponto de vista, observamos que o prefácio é algo que demanda bastante responsabilidade por parte do prefaciador. Não é só isso: demanda dele também conhecimentos amplos e, por vezes, conhecimentos que ultrapassem os do autor prefaciado. Em todo caso, segundo a definição acima, o prefácio não é uma exposição da obra. É um olhar crítico que um teórico, especialista no assunto. O axiológico *crítico* deve ser aqui visto em seu sentido positivo, de *crítica construtiva*. Em caso contrário como haveria a caução por parte do prefaciador?

Por outro lado, notamos também que o prefácio permite um encontro de vozes e, de certa forma, um exercício de esgrima entre elas: o olhar que o autor do prefácio lança sobre a obra é um olhar que vai construí-la, dar a ela mais corpo. Em suma, o gênero aparece como lugar privilegiado para um diálogo entre o autor do livro e a voz por ele convidada para caucioná-lo. Assim agindo, tal voz passa também a fazer parte do livro. Vejamos isso no próximo segmento, a partir de um exemplo real.

Ao meu discípulo, com respeito e carinho

O prefácio escolhido para ilustrar o artigo é o que Bernard Pottier fez para o primeiro livro de Patrick Charaudeau, *Langage et discours* (1983), livro resultante de sua tese de doutorado, orientada por Pottier, defendida em 1977. O livro – dela devidamente adaptado – ficou pronto em 1980, mas só foi publicado três anos depois, em 1983.

Isso é explicado à moda de uma *prière d'insérer*⁶ no final do prefácio em pauta, pelo seguinte enunciado: “Esta obra foi escrita em 1980”. Tal enunciado pareceu-nos curioso a princípio, mas depois necessário. Acreditamos que o autor dessas palavras quis

5 No trecho original: “[...] la préface répond aussi à une attente, qui se trouve inscrite dans le contrat communicationnel qui la définit : elle représente une caution de vérité [...], ce qui exige qu’elle soit signée d’un nom (le plus renommé possible, à la mesure de l’enjeu) ; elle doit situer le propos de l’ouvrage dans une problématique plus large ; elle permet à son auteur d’établir une relation entre les idées exposés dans l’ouvrage et ses propres idées ; elle doit, enfin, mettre en évidence les lignes de force du contenu de l’ouvrage”.

6 Que, na falta de um melhor termo, traduziremos, por uma paráfrase: nota cuja inserção foi solicitada quando do lançamento do livro.

deixar evidente que a opinião daquele que prefaciava o livro pertencia a um determinado *hic et nunc*, o de 1980, e não o de três anos depois.

A primeira visada do prefácio é a de que Pottier, em sua qualidade de intelectual reconhecido e prestigiado pela comunidade linguística da época, apresente o livro de um jovem e ainda pouco conhecido teórico. Assim é o primeiro parágrafo do prefácio:

Para onde se dirige a linguística atual? Esta disciplina serviu há não muito tempo atrás como modelo para outras ciências humanas, em particular na época do desenvolvimento do estruturalismo. Agora, os pesquisadores não se referem mais a ela como antes. Em vez disso tentam se inspirar em outras disciplinas, tais como a biologia, a física, a lógica e a psicanálise. Tal reviravolta mostra os limites do estruturalismo (e não seus pontos falhos) e uma vontade de renovação no âmbito da pesquisa. (POTTIER, 1983, p. 3)⁷

O sujeito-enunciador começa lançando uma questão retórica, o que já anuncia seu estilo de escrever: “Para onde se dirige a linguística atual?”, e seu *atual* seria o ano de 1980, o que explica a nota anexada no ano de lançamento do livro. Como linguista com uma vasta experiência (em fonética, semântica, estudos de línguas hispânicas e sócio e etnolinguística) e, na época do prefácio em questão, detentor de uma excelente posição no mundo da linguística, Pottier sabe responder à questão de modo preciso; aliás, ela aqui aparece como uma delicada estratégia de escritura. Note-se que o discípulo de Pottier (até o ano de 1977), ou seja, Charaudeau, ainda usa muito este processo retórico em seus escritos. E seguidores de Charaudeau, como a autora do artigo, também o utilizam... Esta pergunta força uma pausa no ritmo da escrita e atrai a curiosidade do leitor para a resposta que será dada e que mostrará a posição do autor diante da questão que formula. No presente caso, Pottier divide os caminhos da linguística do seu tempo – e do tempo em que Charaudeau, como linguista, se lançava no palco discursivo:

A linguística parece seguir duas direções bastante opostas, em nossa opinião. Por um lado, notamos a existência de uma linguística que mantém uma descrição segura, reducionista, introvertida, cuja representação mais evidente seria o movimento gerativista estrito, eminentemente sintático, formalista, “puro”, “científico” e do qual o viés semântico, quando existe, é de natureza lógica, independentemente dos contextos. A “frase” é o nível privilegiado destes estudos, frase da língua, destituída das liberdades discursivas. (POTTIER, 1983, p. 3)⁸

Assim, vê-se que a primeira direção da linguística é um pouco ironizada por Pottier: ela corresponderia a uma “descrição segura, reducionista, introvertida” de uma linguística fechada na frase, sem as audácias que o discurso permitirá ao considerar as circunstâncias de produção dos enunciados e os efeitos que sua encenação poderá trazer.

7 No trecho original: “Où va la linguistique aujourd’hui? Cette discipline a servi, il n’y a pas tellement longtemps, comme modèle pour les autres sciences humaines, en particulier à l’époque du développement du structuralisme. A. présent, on ne se réfère plus à elle, mais au contraire des linguistes tentent de s’inspirer d’autres disciplines, telles que la biologie, la physique, la logique et la psychanalyse. Ce renversement montre les limites du structuralisme (et non sa fausseté), et manifeste un besoin de renouvellement de la recherche.”

8 No trecho original: “Celle-ci nous semble aller dans deux directions assez opposées. D’une part, on constate un repli vers une description sécurisante, réductionniste, introvertie, dont le représentant le plus évident est le mouvement générativiste strict, éminemment syntacticien, formalisateur, « pur », « scientifique », dont le volet sémantique, quand il existe, est de nature logique, indépendant des contextes. La « phrase » est le niveau privilégié d’étude, phrase de la langue, délogée des libertés de discours.”

Podemos dizer que, no trecho em pauta, tal direção linguística é sustentada pela voz de um *enunciador-irônico* ou de um *outro* que se introduz no enunciado do qual Pottier é responsável: temos aí um exemplo da polifonia, nos moldes de Ducrot (1984, p. 195). O *enunciador-irônico* ousa ainda denominar esta linguística de *pura e científica*. Mais ainda: ele lembra que o objeto de estudos dessa linguística é apenas a *frase*, isolada do discurso. Como no enunciado original esta palavra e os supracitados adjetivos são colocados entre aspas, tais sinais estabelecem uma distanciação entre um enunciador *sério* e um enunciador *não-sério*... Enfim, há um desacordo proposital de vozes e opiniões no trecho, desacordo que é bem próprio da ironia. Pottier, que sempre vimos como um sério linguista mostra aí uma faceta brincalhona de seu *eu* interior, ao ironizar com graça e leveza o trabalho de vários colegas.

E quanto à segunda direção do discurso? Vejamos:

Por outro lado, vemos que há uma abertura que diz respeito a tudo que pode levar em conta os efeitos do discurso, a extroversão tendendo a integrar um máximo de elementos suscetíveis de explicar os mecanismos da comunicação textual pelos seus contextos, sua situação, seus implícitos, e daí a importância que é dada à pragmática, aos saberes dos interlocutores, às intenções detectáveis e às interpretações possíveis. (POTTIER, 1983, p. 3)⁹

O que Pottier afirma, neste trecho do prefácio, torna evidente que, para ele, a segunda direção da linguística é a *nova*, a *moderna*, mas ao mesmo tempo aquela que, provavelmente, Pottier, em seu percurso de vida e com seus ensinamentos abriu para Charaudeau, permitindo ou incentivando que seu então doutorando inovasse nessa questão.

Notamos, no mesmo trecho, um conceito que levará os leitores de Charaudeau (1983, p. 57) aos seus *possíveis interpretativos* aqui praticamente enunciados ou anunciados por Pottier, ainda que com uma pequena inversão: *interpretações possíveis*. De onde veio esta bela reunião de palavras que substituí com sucesso o banal termo *interpretação* e ainda dá a este um toque audacioso e, ao mesmo tempo, sabiamente precavido? Do mestre orientador de Charaudeau? De Charaudeau? Quem se apropria da voz de quem? Não saberíamos dizer: preferimos aqui enxergar um caso de polifonia, de vozes que se confundem ou se entrelaçam.

A partir daí, Pottier enumera e sintetiza os problemas que o seu *ex-orientando*, agora seu par na aventura linguística, vistos como um todo irá abordar: tais problemas enfocam sentido e efeitos de sentidos do discurso; palavras e enunciados; os múltiplos papéis que o homem, como ser de palavra, assume na comunicação, já que ele pode posicionar-se como emissor ou receptor dos atos comunicativos e também como seu produtor ou intérprete; enfim, ele é um ator que encena ou contracena no mundo das trocas languageiras. Esses problemas são colocados por Pottier sob a forma de perguntas. Que ele, desta vez, não responde diretamente. Em um belo exercício de estilo, o linguista delega a responsabilidade a Charaudeau ao escrever:

São estas as enormes questões que P. Charaudeau quer responder nesta bela obra, utilizando um conjunto coerente de conceitos e de procedimentos: aparelhos languageiros

9 Trecho original: “D’autre part, une ouverture vers tout ce qui peut rendre compte des effets du discours, extroversion tendant à intégrer le maximum d’éléments susceptibles d’expliquer les mécanismes de la communication textuelle à travers ses contextes, ses situations, ses implicites, d’où l’importance accordée à la pragmatique, aux savoirs des interlocuteurs, aux intentions décelables et aux interprétations possibles”.

(enunciação, argumentação, narração, retórica), tipos de competência (linguística, discursiva, situacional), amparados por uma reflexão básica sobre o signo, sobre aqueles que interagem no discurso, sobre os implícitos, sobre os contratos e estratégias de palavra. (POTTIER, 1983, p. 4)¹⁰

Pottier retraça o conteúdo do livro – aqui, em cinco linhas; sete, no texto original – com grande talento e precisão. O excerto supracitado expõe (como em uma vitrine) alguns dos principais conceitos da teoria de Charaudeau que foram divulgados por seus seguidores ao longo dos anos, tais como os *appareils linguageiros*, que foram rebatizados e refeitos recebendo a denominação de *modos de organização do discurso* (CHARAUDEAU, 1992, p. 631-835), o papel dos contratos entre parceiros da comunicação e, sobretudo, algo que é muito importante na teoria Semiolinguística: a atenção que ela concede às estratégias discursivas.

No entanto, há outros pontos que não figuram no excerto em pauta. Pottier fez uma escolha e, ao fazê-la, acreditamos, desvelou algo que lhe agradou sobremaneira durante a execução do trabalho de seu ex-doutorando. Ao assumir modalidades de apreciação em seu discurso, o linguista Pottier se autorrevela para o leitor do prefácio. O que nos agrada no *outro* é o que queríamos ter feito de certa maneira. O homem ou o indivíduo histórico Pottier manifesta assim uma encantadora simplicidade face ao trabalho de seu *pupilo*.

Nesse simpático prefácio, visualizamos uma faceta de Pottier enquanto indivíduo histórico vivendo em uma sociedade de linguistas na qual a inveja e as competições são moeda corrente, como em todas as sociedades intelectuais, diga-se de passagem. Por seus ditos, Pottier mostra que, se seu pupilo teve coragem para propor algo novo, essa coragem também existe naquele que o orientou e que agora se lança na aventura de compor o prefácio em pauta. Ao falar sobre Charaudeau, de certo modo, Pottier fala também de si próprio e de seu desempenho como professor universitário e pesquisador. Em outros termos: de modo indireto, narra parte de sua história de vida acadêmica. E faz também revelações sobre o autor de *Langage et Discours*:

Teórico, sem nenhuma dúvida, mas também excelente analista, P. Charaudeau ousa aplicar sua teoria a textos autênticos, e o faz de modo tão feliz que nos convence. [...] Na verdade, seu próprio texto pode ser considerado como uma demonstração das técnicas persuasivas que lhe são caras. A semiolinguística, tal como é aqui apresentada, deverá ocupar um lugar central no leque das novas orientações de pesquisa em linguística. (POTTIER, 1983, p. 4)¹¹

Este parágrafo, que encerra o prefácio, completa também a resposta a sua questão inicial, “Para onde se dirige a linguística atual?” Mais que uma questão retórica, tal pergunta nos parece aqui ser um marco inicial para a análise que Pottier fez da obra de Charaudeau.

10 No trecho original: “C’est à ces énormes questions que P.Charaudeau veut répondre dans ce bel ouvrage, en mettant en place tout un ensemble cohérent de concepts et de procédures: des appareils langagiers (énonciation, argumentation, narration, rhétorique), des types de compétence (linguistique, discursive, situationnelle) fondés sur une réflexion de base sur le signe, les intervenants dans le discours, les implicites, les contrats et stratégies de parole”.

11 No trecho original: “Théoricien certes, mais aussi excellent analyste, P.Charaudeau se risque à appliquer sa méthode à des textes réels, avec une réussite qui nous convainc. [...] En fait, son texte peut être considéré lui-même comme une démonstration des techniques persuasives qui lui sont chères. La sémiolinguistique, telle qu’elle est présentée ici, doit avoir une place centrale dans l’éventail des orientations nouvelles de la recherche en linguistique”.

A nova linguística seria aquela que Pottier, com seus conhecimentos, seu jeito de ser e de orientar seus alunos em seu percurso acadêmico de vida, ofereceu de certo modo ao seu discípulo Charaudeau. Não sabemos a qualidade de sua intervenção no trabalho de seu orientando, mas foi ele quem considerou sua tese como *boa para a defesa* e levou Charaudeau a ela: logo, podemos supor que havia uma harmonia teórica entre os dois linguistas, Pottier e Charaudeau.

O orgulho do mestre diante obra do ex-discípulo torna-se evidente pelo uso do léxico, onde podemos ver índices de afetividade em palavras portadoras de uma carga axiológica positiva: (i) o adjetivo “*enormes*”, no sentido de “*importantes*”, designando as questões que Charaudeau levanta no livro; o livro, por sua vez é uma “*bela*” obra, escrita por um “*excelente*” teórico e analista, que mostra um conjunto “*coerente*” de opiniões. Mais: Charaudeau é ousado e aplica sua metodologia de modo tão harmonioso que ele convence o mestre de seu valor: “P. Charaudeau ousa aplicar sua teoria a textos autênticos, e o faz de modo tão feliz que nos convence” (POTTIER, 1983, p. 4).

Pottier deixa o leitor entrever pistas de seu percurso acadêmico, de seu trabalho – que foi amplo e moderno, para sua época. Afinal de contas é ele quem dá o aval ao trabalho de Charaudeau! Assim, embora não conte de modo explícito fatos ligados à sua vida e carreira, Pottier os sugere, ao fazer a dupla divisão dos caminhos da linguística, naquele exato momento. Podemos dizer que, no âmbito das figuras de retórica, Pottier emprega a figura da lítote no que diz respeito a si mesmo e ao trabalho de seu ex-pupilo: ele escreve pouco, elogia com suave moderação, querendo assim fazer significar mais.

E seu último parágrafo é bastante curioso: ao anunciar as ideias do *outro*, do sujeito-objeto do prefácio, Pottier as encaixa em uma *nova linguística*, com uma incrível capacidade de premonição, que somente um linguista com grande experiência como ele poderia ter.

De certo modo, podemos também perceber nesse prefácio, a argumentação por autoridade. Se, em 1980, é Pottier quem afirma que Charaudeau é um linguista e que sua metodologia “*deverá*” – notemos o modalizador expresso pelo verbo – ocupar um lugar importante em uma nova linguística, como duvidar das palavras desse intelectual com tanta experiência? Como não acolher bem o novo linguista que ele apresenta?

Há todo um universo discursivo sob as palavras do curto prefácio: sem nos estendermos mais na análise, podemos dizer que narrativas de vida e narrativas teóricas aí se cruzam: não de modo explícito, mas, delicadamente, no implícito de um discurso ou nos interdiscursos que ali palpitam.

Mas, atenção! O implícito referente às vidas e percursos de Pottier e Charaudeau só será captado por membros do que chamamos de *um clã de leitores ou estudiosos*: os que conhecem ou conheceram a carreira de cada um dos linguistas, ou que sabem um pouco de seus percursos de vida. Para estes, será evidente que as personalidades e caminhos de vida daquele que assina o prefácio e daquele que assume o livro se encontraram em muitos pontos.

Algumas palavras para concluir

Devemos confessar que durante muito tempo, inocentemente, achamos que o prefácio aqui rapidamente abordado era breve, formal e frio. Agora, com a ajuda do tempo, como modificamos nosso ponto de vista anterior! O prefácio é caloroso e se mostra como um lugar privilegiado de encontro, atravessado por tantas vozes e tantos discursos!

Lutar com palavras não é afinal de contas, uma luta vã, diríamos, parodiando um dos muitos versos do poeta Drummond. Pois, subindo no palco das palavras que inicialmente nos pareciam teóricas e nada mais que teóricas, e examinando-as mais de perto, vimos nelas, agora, aspectos reveladores de Pottier. As palavras do prefácio não são apenas uma amostragem do lado teórico do linguista: elas deixam entrever também algo de seu percurso de vida, de sua luta para defender não apenas suas opiniões como também as descobertas ou avanços de seus orientandos. Defender contra quem? No caso específico, contra aqueles que criticaram Charaudeau ou iriam fatalmente criticá-lo, pois sua teoria semiolinguística é muito avançada para a época em que foi lançada... O encontro de diferentes *eus* – os *eus* dos teóricos e o *eus* dos seres humanos – acaba por constituir, afinal de contas, um desses *entre lugares* do discurso e aponta para um dos possíveis papéis da análise discursiva.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. Auto-retrato. In: _____. *Bandeira*. Estrela da vida inteira – poesias reunidas. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973. p. 331.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.

BURRICK, D. Une épistémologie du récit de vie. *Recherches Qualitatives*, n. 8, p. 7-36, 2010. Disponível em: <http://www.recherche-qualitative.qc.ca/revue/hors_serie/hors_serie_v8/HS8_Burric.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983.

_____. Préface. In: BOYER, H. *L'écrit comme enjeu*. Paris: Didier/Credif, 1988. p. 5-7.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

DOUBROVSKY, S. *Fils*. Paris: Gallimard, 2001a.

_____. *Un amour de soi*. Paris: Gallimard, 2001b.

_____. Le dernier moi. In: BURGELIN, C.; GRELL, I.; YVES-ROCHE, R. (Dir.). *Autofictions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2010. p. 383-393.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. Confidência do itabirano. In: _____. *Sentimento do mundo*. [S.l.]: PasseiWeb, 2013. Disponível em: <http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/c/confidencia_do_itabirano_poema_drummond>. Acesso em: 5 out. 2013.

FAYE, J.-P. *L'expérience narrative et ses transformations*. Paris: Hermann Editeurs, 2010.

GENETTE, G. *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983.

GERBER, A. Le récit de vie, un récit initiatique révélateur d'un double processus de médiation. In: GOHARD-RADENKOVIC, A.; RACHEDI, L. (Dir.). *Récits de vie, récits de langues et mobilités*. Paris: L'Harmattan, 2009. p. 251-267.

GUILLEMETTE, L.; LÉVESQUE, C. La narratologie. In: HÉBERT, L. (Dir.). *Signo*. Québec: Signo, 2006. Disponível em: <<http://www.signosemio.com/genette/narratologie.asp>>. Acesso em: 30 set. 2013.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MACHADO, I. L. Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade... e na adversidade. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. (Org.) *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009. p.103-118.

_____. A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 203-230.

_____. Uma analista do discurso face aos ditos de dois políticos: narrativas de vida que se entrecruzam. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 3, p. 68-81, nov. 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/eidea/index.php?item=conteudo_sumario3.php>. Acesso em: 5 out. 2013.

PARANÁ, D. *Lula, o filho do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

POTTIER, B. Préface. In: CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983. p. 3-4.

SALMON, C. *Storytelling: la machine à formater des histoires et à formater les esprits*. Paris: Ed. de La Découverte, 2007.